

CANGACEIROS NA DETENÇÃO: ANÁLISE DO SUMÁRIO-CRIME DE AGRESSÃO COMETIDA POR CANGACEIROS NA CASA DE DETENÇÃO DO RECIFE (1927–1934)

*Rita de Cássia Santana Gonçalves da Silva**

Resumo:

Tem como finalidade expor em linhas mais extensas sobre a apresentação ocorrida no I Encontro de Pesquisa em História e Justiça da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde o título da apresentação foi *Cangaceiros na Detenção: análise do sumário-crime de agressão proferida por cangaceiros na Casa de Detenção do Recife (1927–1934)*. Escolheu como recorte temporal uma pequena parcela de um trabalho que já vem sendo feito há mais de três anos e que deu origem a um projeto de mestrado que visa recontar essa história do cangaço por meio do cangaceiro Pirolito e, também, entender como essas sociedades funcionavam, bem como visa entender as questões que afetaram esses homens no cárcere. Formulou essa pesquisa com base nos depoimentos contidos em dois processos crimes e em mais alguma documentação contida nos arquivos do Memorial da Justiça do Tribunal de Justiça de Pernambuco (MJPE/TJPE), do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE) e da Hemeroteca digital.

Palavras-chave: Cangaço. Prisão. Crime. Lampião.

AS PARTES DE UM SUMÁRIO-CRIME

O importante, inicialmente, é entender as fontes jurídicas com as quais os pesquisadores trabalham. Como este é um trabalho de análise de um processo, nada mais justo do que trazer aos leitores uma breve explicação das partes de um processo-crime para que entendam a sua magnitude. Embora em 10 ou 15 páginas não se dê conta de tudo, sabe-se que o leitor irá entender aonde se quer chegar.

O primeiro passo para entender as partes de um sumário-crime é identificá-las dentro do seu processo, o que evidentemente foi feito e refeito algumas vezes e foi onde se encontraram algumas falhas e *furos*, o que com o passar da explicação será esclarecido. As partes de um sumário-crime são as seguintes:

* Mestranda em História da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). cacagoncalves18@gmail.com.

1- Denúncia ou queixa: nesse primeiro passo é feito algo que se conhece popularmente, hoje em dia, como B.O., sigla essa usada para designar o boletim de ocorrência. Nesse primeiro passo, o delegado colhe a denúncia e ouve parcialmente os envolvidos, escutando a versão deles sobre o que aconteceu. Foi nesse primeiro passo que, de imediato, teve-se conhecimento da morte do Pirolito;

2- Absolvição sumária (julgamento antecipado da lide): nesse passo, o juiz, já estando a par do acontecido, vai externar em um breve julgamento o que aconteceu e como proceder a seguir;

3- Citação e interrogatório: esse pode ser considerado um dos pontos-chave e de maior interesse nos processos-crimes por nós trabalhados, pelo simples fato de que foi um dos pontos em que se encontrou uma pequena falha, mas para entender essa falha precisa-se primeiro saber o que é. Neste terceiro passo, o juiz tem por obrigação citar todos os acusados, intimar as testemunhas, etc., para irem depor em juízo (prestar seu depoimento em frente a um juiz). Na época, essas citações e intimações saíam no diário oficial e, como o crime havia ocorrido dentro da CDR¹, foi mais fácil citar os acusados e intimar as testemunhas, mas é importante entender uma pequena diferença entre citar e intimar. Os dois atos estão dentro do ato do processo, mas há uma diferença: os acusados são citados no processo no caso Pirolito e os outros são citados como criminosos e as testemunhas são ouvidas e daí os acusados citados são presos (como veremos adiante) e aí sim eles serão interrogados, logo interrogatório é para os acusados. Porém, foi justamente aí que ocorreu a falha: um dos acusados, de vulgo Ventania, quando citado para depor, não foi encontrado na cadeia e muito menos se sabia onde estava, por que também não há documentação de saída dele nem de transferência para o presídio agrícola de Fernando de Noronha². Acaba que isso também era publicado no diário oficial e, após esse momento, não se encontra mais nenhuma notícia, exceto caso se quisesse que alguns dos cangaceiros presos se aliassem às volantes em troca de alguns benefícios e para falar as táticas usadas pelos

¹ Sigla para Casa de Detenção do Recife.

² Na época em estudo, a ilha servia como presídio e era parte integrante do sistema prisional pernambucano.

cangaceiros, o que nos leva a crer que o *Ventania* possa ter sido acrescentado nessas volantes.³

4- Audiência de instrução e julgamento: aqui existem dois pontos importantes para qualquer processo em que o juiz e o júri ouvirão em audiência de julgamento todos os acusados, vítimas, promotor e advogados, tendo-se notícia de que três dos acusados já tinham ido para júri bem mais de uma vez.

5- Relatório: é feito um relatório de todo o processo, julgamento, depoimentos e todos os passos anteriores, encaminhando para o fim do processo que vem logo a seguir.

6- Ação Civil: o último passo é influenciado pelo quarto, onde nota-se a condenação, as penas a serem usadas, e por fim o desfecho de um processo-crime.

Após se identificar os seis passos para se constituir um sumário-crime e entender muito brevemente as questões que envolvem os *furos* e falhas no processo-crime em estudo, vamos partir para entender como o cangaço lampiônico se deu e como ele influenciou o cárcere.

CANGACEIRO: BANDIDO OU HERÓI? VÍTIMA OU VILÃO?

“Lampião não era uma alma pura, mas não era uma alma pequena e vulgar, era uma alma grande.”

Ariano Suassuna⁴

Acreditamos que todo pesquisador do cangaço ou até mesmo qualquer historiador algum dia já teve que responder, ou ainda responderá, à seguinte pergunta: Lampião era herói ou bandido? Trata-se de uma pergunta do senso comum, assim como outras tantas perguntas que permeiam a história e o historiador. E aqui tentaremos responder à pergunta com base na historiografia que temos atualmente. Os *Annales* popularizaram mais esse estudo e como é vista a questão da *história vista*

³ Volantes eram as forças armadas que por muito tempo perseguiram os cangaceiros pelo Nordeste, as volantes de mais destaque eram as de Pernambuco, Alagoas e Bahia sendo a de Pernambuco a que mais perseguiu Lampião em toda sua vida no cangaço.

⁴ Em resumo um dos romancistas, poeta, intelectuais brasileiros de mais importância, expoente também do movimento que ficou conhecido como o Movimento Armorial.

de baixo, onde aqui é de suma importância entender tais fatos, pois para uma única pergunta temos inúmeras respostas (aqui vamos nos restringir a duas).

Obviamente que a história não é feita por uma verdade única e a história do cangaço não seria diferente, havendo tantos relatos de ex cangaceiros, de vítimas, de soldados da volante e, inclusive, as questões oriundas dos historiadores do cangaço que nos antecederam, os memorialistas, os curiosos em cangaço, entre tantos outros, sendo que cada um desses conta uma história/versão diferente sobre a mesma história, a história do cangaço.

Mas, para responder à questão inicial desse tópico, faz-se necessário lançar outro questionamento: em qual das versões você quer acreditar? O pesquisador defende sua tese e tenta ser imparcial, para não dar seu julgamento. A pesquisa histórica precisa aparecer pelo nome do historiador, fazendo assim a sua pesquisa ter ainda mais importância e relevância para a historiografia.

A primeira versão acerca dos cangaceiros e Lampião é que, para algumas pessoas, como os coiteiros e sertanejos comuns, ele era um homem bom que fazia benfeitorias para alguns e até algumas de suas vinganças tinham um *que* de justiceiro. Tal é o caso da história que se conta de que Lampião ficou sabendo que um pai mantinha relações sexuais, um incesto, com as duas filhas, que moravam na casa com esse senhor. Sabendo disso, Lampião teria ido até a casa dessa família, libertado as meninas e torturado o pai delas, pendurando-o na cumeeira da casa, cortando seu pênis fora e o colocando na boca do homem. Essa é apenas uma dentre tantas histórias que fazem Lampião ser um herói para alguns, enquanto, por outro lado, temos o Lampião sendo o bandido e o monstro pintado pelo poder público.

Lampião nasceu, cresceu e viveu em um período e região que era marcado por secas e desigualdade, onde a falta do poder gerou um novo poder e a justiça dos homens. Foucault nos fala que o poder está de fato nos homens ou nasce numa sociedade que possui uma falta, sendo assim ocorrendo uma corrupção e foi o que aconteceu com o cangaço. Na falta de um poder público no sertão, o poder nasceu novamente vindo das mãos da violência e do flagelo.

Mas em que consiste esse poder e por que Foucault é essencial para seu entendimento? Não é apenas Foucault, mas também Achille Mbembe, com sua obra sobre necropolítica, uma política que preza pelo flagelo dos corpos dos mais fracos, e

a sociedade sertaneja da época de Lampião era vista como mais fraca, sem estudo, conhecimento, sendo até um estereótipo que ainda hoje é propagado pela mídia.

Certa vez um colega historiador disse a seguinte frase: “Lampião só morreu por que começou a incomodar os grandes, porque quando ele era útil ele servia muito bem”. De fato, vê-se nos estudos alguns indícios de que Lampião não apenas incomodava uma pequena parcela de pessoas, do interior de alguns estados, mas chegava a incomodar os grandes chefes políticos de determinados estados.

O Jornal Diário da Manhã, de Pernambuco, no ano de 1930, mais precisamente na edição de 13 de março de 1930, uma quinta-feira, traz alguns pontos interessantes acerca do que irão chamar de *verdadeiros chefes do cangaço*: “Os chefes do cangaço pedem misericórdia! A proposta de um acordo dignamente repelido pelo presidente Parahybano”.⁵

Vemos nesse trecho retirado da manchete e do subtítulo, que eles apontavam haver alguns chefes realmente do cangaço que não eram nem um pouco *bestas* (e não estamos falando que os cangaceiros eram, até porque o próprio Lampião era imensamente inteligente). O que queremos dizer, aqui, é que o jornal aponta que na Paraíba e, mais precisamente, na família Suassuna, havia líderes que se estreitavam laços. Porém, já em 1930, alguns desses chefes e não só os da Paraíba estavam um pouco descontentes, e sabemos que as conexões existentes de Lampião não se resumiam a um estado só, pois ele mantinha uma rede de contatos pelo Nordeste, que iam desde um pequeno agricultor à gente muito grande, como governadores.

Outro ponto bastante instigante e que, querendo-se ou não, está ligado ao ponto inicial deste tópico, que é a questão que Lampião teria dado voz a um problema bem maior no meio do sertão: o fato de que não havia um poder público eficaz que chegasse à região, naquela época. Isso que acabamos de falar pode soar um pouco estranho, mas quando fazemos leituras de Achille Mbembe, ou até mesmo do próprio Foucault, que é até uma contrapartida da leitura do Achille, vemos que existe um projeto de quase como um extermínio do povo pobre e preto no sertão nordestino, entre os anos de 1923 e 1934 (que é nosso recorte temporal). Vê-se que o projeto para a região, que ainda era chamada de norte e não existia o que conhecemos hoje como nordeste, era quase como se deixar a deus-dará uma região rica que, querendo

⁵ Referência direta à edição do Jornal Diário da Manhã (PE), de 13 de março de 1930.

ou não, participava assiduamente da economia do país em construção. Então, vemos aqui que Lampião, sem querer ou querendo (nunca saberemos a real intenção dele), denunciou um problema tão maior quanto o que estava apenas visível aos nossos olhos.

OS “MENINOS” DE LAMPIÃO⁶, INCENDIÁRIOS: QUEM SÃO OS ENVOLVIDOS NO SUMÁRIO CRIME

O período entre os anos de 1922 e 1926 é descrito pela historiografia clássica sobre cangaço como o auge do cangaço lampiônico, e o cangaceiro que estudamos está bem nesse período, marcado por inúmeros ataques a fazendas e cidades. Entre essas cidades está Nazaré do Pico⁷, que na época era apenas uma vila, atacada no ano de 1923, quando Lampião havia acabado de se tornar chefe do cangaço e formado o seu primeiro bando. Também nesse período podemos destacar a sua visita a Juazeiro e o possível encontro de Lampião e Padre Cicero, bem como um dos seus ataques mais famosos e frustrados - o ataque à cidade de Mossoró (RN), ocorrido no ano de 1927, que, podemos afirmar, marcaria o início de um declínio do cangaço, que só iria se confirmar em 1938, com sua morte na Grota do Angicos, em Sergipe.

A seguir, vamos analisar um breve perfil que traçamos dos sete envolvidos no sumário-crime de agressão, cometida por cangaceiros na Casa de Detenção do Recife:

1. O primeiro a ser destacado é o Benedito Domingos de Farias, que, no livro de secretário de segurança pública de 1928 (muito importante para nossa análise neste artigo), é descrito como um antigo comparsa que na concepção seria aquele homem que já vinha com Lampião desde o bando de sinhô Pereira. Também destacamos que ele seria um parente de Pirolito que esteve no ataque de Mossoró (RN), e em outros tantos ataques, até o período em que foi preso na Serra da Uman, na região do Sertão do Pajeú.
2. O segundo a ser destacado, cujo envolvimento foi descoberto mediante outras documentações e não pelo sumário-crime estudado, é o cangaceiro de vulgo *Capão*, que é descrito também como um antigo comparsa de Lampião, preso no município de Belém.

⁶ Muitas vezes em jornais os cangaceiros de Lampião são descritos como “meninos de Lampião”.

⁷ Cidade que fica próxima a Serra Talhada (PE).

3. Deve-se destacar aqui também o cangaceiro *Guará*, que, além de ser descrito pelo mesmo livro de segurança pública, mencionado acima, como um antigo comparsa de Lampião, ele também era parente de Pirolito, objeto central desta pesquisa, e foi preso na Serra da Uman.
4. Acerca de Manoel Antônio de França, que pelo sobrenome não se tem a certeza de que também seja um parente de Pirolito, o que sabemos é devido a um boato surgido dentro da CDR, envolvendo o seu nome e o de um preso comum, contando com a defesa que Pirolito e outros fizeram por ele (também envolvido na agressão), é que Pirolito tem o seu fim com apenas 18 anos. Não se tem notícia sobre em que localidade este foi preso, mas sabemos que foi capturado pelo destacamento de Bom Nome, apesar de que não possamos afirmar que foi preso nesse lugar, pois os batalhões, volantes, macacos⁸, destacamentos etc. nunca ficavam parados em algum lugar fixo, sempre estavam rondando o sertão.
5. O quinto a ser destacado aqui é o que mais tem mistério em seu entorno, o *Ventania*, descrito como apenas um comparsa de Lampião, que talvez não fizesse parte do bando oficial ou - o que entendemos ser a versão correta – que ele tenha se juntado ao cangaço e a Lampião após 1923, e não tivesse uma proximidade maior com o chefe. Foi preso em Floresta, outra cidade do Sertão do Pajeú. Acerca dele, o mais curioso, que estudamos no recorte temporal escolhido, é que, quando o chamaram para depor sobre a agressão que ocorreu na Casa de Detenção, ele não foi encontrado para depor. O promotor de justiça, então, colocou um chamado no Diário Oficial de Pernambuco, mas até o fim do processo ele não seria encontrado. Como, na época, era ofertada uma redução ou até anulação da pena, caso o cangaceiro se juntasse à volante como uma espécie de rastejador⁹, supomos que seja isso que tenha acontecido com o Ventania.
6. O sexto que destacamos aqui é Antônio Serafim, que, assim como o Ventania, é descrito como um comparsa de Lampião, cujas teorias que investigamos atualmente sobre eles são as mesmas, com apenas uma diferença. Ao contrário do Ventania, Antônio teria sido o chefe de grupo do

⁸ Macacos era como se chamavam os homens que não tinham treinamento militar como um batalhão de volante normal.

⁹ Morador da região em que a Volante estava atuando, era usado como alguém que conhecia muito bem os cangaceiros e seus modos de agir.

qual Pirolito, Benedito e Guará faziam parte. Os fatos que ligariam os dois seriam a proximidade em que foram presos e um bilhete de Teófanês Torres, dizendo que foram presos 23 homens em Flores, que precisavam de reforços para levá-los até Rio Branco¹⁰, depois até Caruaru e, por fim, para a capital. Mas, como e por que Antônio teria ganhado essa chefia de Bando? Estamos investigando algumas hipóteses, mas as deixaremos para um futuro trabalho. Agora, o que podemos dizer é que ele não era um simples cangaceiro e, muito menos, que tinha pouca intimidade com Lampião.

7. O sétimo e último cangaceiro que destacamos aqui é o Camilo Domingos de Farias, vulgo *Pirolito*, que é nosso objeto central de pesquisa e ao qual devemos tudo que temos escrito. Era um rapaz descrito como comparsa de Lampião e cujas hipóteses que pesquisamos sobre ele é que tenha ido para o cangaço por questão familiar, que já havia dois parentes seus com Lampião e que havia provavelmente entrado no ano de 1923, ainda muito novo, a julgar pela idade com que foi preso (15 anos) e a idade com que morreu (18 anos). Era um menino que não teve nenhuma vida, que foi marcada por tristeza, apenas passando três anos e meio na CDR, sendo que só após sua morte seria criada a instância da infância e juventude em Pernambuco.

UM BOATO SEGUIDO DE MORTE: SEXUALIDADE E A JUSTIÇA PERNAMBUCANA EM 1931

Segue um breve resumo de como ocorreu essa agressão: o preso comum Neco Grande espalhou, desde as nove da manhã, que o outro preso comum alcunhado de Pilão teria lhe contado que Manoel Antônio de França havia se servido de favores sexuais em troca de vinte mil contos de reis, e, logo depois, Neco Grande disse que se servira de favores sexuais e que havia sido pelo mesmo valor. Esse falatório durou até uma hora da tarde do mesmo dia, quando um grupo de cangaceiros resolveu *tirar satisfação* com Pilão, na oficina de sapataria da CDR. Segundo os depoimentos desse último, o grupo já chegou querendo brigar e assim ele correu para a cozinha para se armar de uma faca, sendo seguido por Pirolito que, também armado de uma faca, desferiria uma facada na barriga dele, Pilão, que em troca conseguiu desferir duas

¹⁰ Antigo nome para a cidade de Arcoverde (PE).

facadas em seu agressor. Pirolito recebeu uma facada na barriga e outra no que chamavam na época de *quadril central*¹¹, o que foi decisivo para sua morte, no dia 31\08\1931. Esse foi basicamente o resumo do sumário.

Podemos notar alguns aspectos contidos nesse breve resumo, que foi apresentado aqui sobre esses homens no cárcere. O primeiro aspecto que se destaca aqui é o da *moral* do homem do cangaço, da *macheza*, do ser *homem de verdade* e de tantos outros termos que circulam pela historiografia. Fato é que esses homens carregavam um ideal de ser homem, o próprio Lampião não admitia o que era conhecido como *xibungo*¹² nos bandos.

Outras histórias também podem ser trazidas à tona, como a própria questão do ambiente carcerário que já é carregado de estigmas e aqui podemos citar o livro do Dr. Drauzio Varela, *Carandiru*, no qual ele comenta todos os pavilhões e andares e um deles nos chama atenção aqui, que é o corredor das flores, onde estavam os presos que eram tidos como as *mulheres da cadeia*.

Mas por que estamos usando o presídio de São Paulo para exemplificar a CDR no ano de 1931? Pelo simples fato de querermos chegar ao ponto de que é comum nos presídios, principalmente na época que estamos trabalhando, haver realmente algum prisioneiro homossexual. Porém, para os cangaceiros aqui estudados, isso não era admitido, pois onde o falo e o sexo anal eram usados como formas de poder masculino, um homem temido e, outrora, de arma na mão e cartucheira nos peitos, não seria admitido ser tido como um homem que se deitaria com outro homem.

Partindo do pressuposto apresentado em obras como a de Joan Scott, na qual a autora afirma que para se fazer “uma história do gênero era pesquisar apenas sobre mulheres” (SCOTT, 1990) eu gostaria de apresentar uma nova perspectiva trazendo à tona os estudos do cárcere através do gênero.

Conforme nossa pesquisa, Pirolito era um rapaz muito briguento, como dizem os populares. Sua fala em um jornal de Pernambuco ressalta muito a ideia de que ele fosse um dos homens mais *nervosos* que Lampião teria em seu bando e é por isso que ele defendeu o seu companheiro, outrora de bando e agora de cárcere. Inicialmente, no documento são quatro réus, há apenas uma morte que é a de Pirolito,

¹¹ Hoje em dia a medicina não usa mais esse termo e sim Cócix.

¹² Termo antigo para designar homossexuais.

o sumário foi redigido em agosto de 1932 e concluído em setembro. Ainda se carece de algumas pesquisas sobre a intenção de fazer um processo após o ocorrido, porém, o que sabemos e podemos afirmar é que em decorrência de outro sumário crime este é puramente afetado. No final desse primeiro sumário-crime, o promotor afirma não haver sentido em condenar quem já está condenado. Inicialmente, não entendemos muito bem quando lemos, já que pelo nosso conhecimento prévio sabíamos que um crime ocorrido na prisão aumentaria a pena do sujeito e não o contrário. Porém, após acharmos o documento que nos dá o porquê de Pirolito ser preso, entendemos, pois na época a justiça era de fato diferente, influenciada ainda por uma antiga constituição e, além disso, o segundo sumário crime que encontramos relatava algo bem maior que apenas um crime cometido dentro da prisão. Mas, vamos adiante que daremos ao leitor o desfecho dessa história.

O FIM DE UM PROCESSO E SUAS LACUNAS

Começamos afirmando que esse foi o processo mais rápido que lemos em toda nossa história de pesquisadora e historiadora. Possuindo apenas 77 páginas, ele nos apresenta um panorama legal do que é um processo rápido, porém, por outro lado, também apresenta algumas lacunas que serão preenchidas com a nossa pesquisa atual no mestrado.

Como já apresentamos os personagens aqui descritos, ficará mais fácil de se entender agora. *Guará*, *Benedito* e *Capão* foram absolvidos nesse processo, mesmo eles tendo recorrido até o ano de 1940, basicamente com esse segundo processo eles foram condenados a 30 anos cada um, o que influencia nesse processo já mencionado.

Manoel Antônio de França, o envolvido sobre o qual menos temos informação, morreu em 1934, de tuberculose, no manicômio judiciário. Em pesquisas recentes, destacou-se aqui que nesse manicômio não havia apenas pessoas com problemas reais e sim qualquer preso disfuncional, que apresentasse algum problema, ser nervoso demais e causar problemas para o presídio. Como encontramos nos livros de ocorrência, inúmeras vezes, esses homens indo e voltando de punições disciplinares, e sempre sendo fichados, acreditamos que em determinado momento Antônio foi realmente levado e deixado lá até sua morte. Dentre os presos comuns envolvidos, o único de que tivemos notícias em pesquisa foi Neco Grande, que podemos chamar

de *nosso fofoqueiro*, pois foi devido ao boato espalhado por ele que, no fim de tudo, o Pirolito morrerá. Como já mencionado em tópico anterior, Ventania, que não estava em canto algum do presídio quando fora chamado para depor no primeiro processo aqui trabalhado, também não foi encontrado no segundo processo ou em outra documentação, o que nos reforça a ideia de que ele realmente saiu da CDR e se aliou a volante pernambucana.

CONCLUSÃO

Uma das maiores problemáticas da pesquisa, e que sempre reforçamos quando temos a oportunidade de apresentá-la, é a falta de fonte e o descaso com a memória. Dizemos isso pelo fato de que algumas pessoas realmente ignoram para o perpasso da memória as gerações futuras. Em recente conversa com uma amiga, foi-nos relatado que a história da família dela não foi passada adiante de forma que toda a memória carregada por sua bisavó terminaria nela e pronto, não há mais espaço.

Quando mencionamos a falta de fonte, exemplificamos como é dificultoso e, ao mesmo tempo, divertido pesquisar um personagem de que pouco se fala. Vira e mexe nos encontramos em arquivos buscando provas e mais provas para comprovar e seguir a ideia de buscar reconstituir a vida de Pirolito e todo o meio em que ele estava inserido, conforme o recorte temporal estabelecido pela pesquisa inicial.

Outros três fatores que queríamos destacar, que garantidamente se ligam, são: o trabalho com fontes judiciais, o cuidado com a escrita da história e o fato de que falar de cangaço é falar de uma história viva. No primeiro, que é onde nos encontramos e pelo qual somos completamente apaixonadas, cuja paixão talvez venha com os erros e acertos cometidos ao longo do caminho da pesquisa, as fontes judiciais tem uma metodologia própria, diferente do trabalho com jornais, por exemplo. Assim como qualquer outra fonte terá sua forma de trabalho e as fontes *falam* para que a escrita da história seja feita e em todos os passos, nós historiadores precisamos ter um cuidado enorme, pois ainda há personagens vivos da nossa história. Fazer pesquisa é mexer com lugares que ainda hoje estão vivos, é também mexer com a memória de todo um povo, é voltar pro lugar inicial, o nosso ponto de partida e mostrar os frutos colhidos com a pesquisa, assim como é pesquisar cangaço, que é uma história viva não só do nosso estado mas também do Brasil.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, B. Goytacazes. **A Instabilidade Política na Primeira República Brasileira**. Juiz de Fora: Ibérica. 2009.
- BONESANA, Cesare Beccaria. **Dos delitos e das Penas**. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014.
- CASTRO, José. **Ciclo do Cangaço**. Memórias da Bahia. Salvador: Empresa Baiana de Jornalismo, 2002, v. 4.
- CESAR, Tiago da Silva. **A Ilusão Panóptica: Encarcerar e Punir nas imperiais cadeias da província de São Pedro (1850-1888)**. São Leopoldo: OIKOS, 2015.
- CUNHA, Maria Amália de ALMEIDA. O conceito “capital cultural” em Pierre Bourdieu e a herança etnográfica. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, ed. 2, p. 503 - 524, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/1820>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- HOBSBAWM, Eric. **Bandidos**. 4. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2015. E-book.
- NETO, Antônio; SOBRINHO, José Alves. **Pegadas de Um Sertanejo: Vida e memórias de José Saturnino**. Recife: Bagaço, 2016. v. 2.
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Apagando Lampião: Vida e morte do rei do cangaço**. São Paulo: Global, 2019. E-book.
- PIRES, Aparício; MAGALHÃES, Sérgio de; FERNANDES, Millôr; CABRAL, Sérgio; ALVES, Zivaldo. Entrevista com ex-cangaceiro Volta Seca. **O pasquim**, Rio de Janeiro, p. 1-4, 10 set. 1973. DOI <https://www.youtube.com/channel/UCDyq1zxmnrRuBBBBK-2Tagfg>. Disponível em: cangaçologia. Acesso em: 14 abr. 2020.
- SCOTT, Joan. **Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.
- SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 15, n.2, jul.\dez.1990. Traduzido da versão em francês. p. 73-99.
- TAVARES, Eraldo Ribeiro. **Cangaceiros e devotos: religiosidade no movimento do cangaço (Nordeste brasileiro, 1900-1940)**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2014.